

O DESLOCAMENTO DA POSIÇÃO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM FABIANO, DE VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS

Abstract

By the character Fabiano, Graciliano Ramos, in Vidas Secas, make the perception of subject movement possible: a condition of a being that acts by repetition, obeying to what is already established, to a being that thing about those relationships. By the linguistic marks it's evident, at the same time, the social relationships on the brasilian countryside, on the 30's, and the possibility of supereatio of the ad-verse situation.

Palavras-chave: *sujeito, discurso e ideologia.*

No romance *Vidas secas* a personagem masculina é apresentada logo após o relato da família faminta, em busca de abrigo. Fabiano aparecerá sob dois aspectos que, embora apresentem características próprias, fazem parte da unicidade que complementam sua figura. O primeiro se manifesta na imediatividade, no fenomênico, e se refere ao *fazer*; o segundo está no nível da possibilidade da superação desse imediato

O homem é o ser do movimento dentro da estrutura familiar patriarcal, cabendo-lhe o espaço do mundo, daí Fabiano realizar tarefas para prover a família: cura bicheira do gado, doma cavalo, recebe pagamento pelo trabalho, vai à cidade sozinho, ou seja, está sempre em movimento. No entanto, carrega consigo o peso da tradição, capaz de imobilizá-lo para saltos sobre a realidade:

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (p.17).

A repetição do gesto que reforça a marca da ancestralidade *o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e*

outros antepassados mais antigos – faz com que a escrita se torne pesada – *o gesto hereditário* – conduzindo à imagem de imutabilidade, de fato natural e, por isso, incorporado aos viventes daquelas paisagens. Como diz Bornheim (1987), além de ser entendida como um conjunto de valores estabelecidos, a tradição pode ser compreendida como um complexo *da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade* (p.20).

A tradição é a conservação do já vivido das relações sociais, que estará sempre em luta com as novas formas que se apresentam, como o momento de questionamento do já posto. É, como observa Lukács (1978), a contradição inerente às relações sociais entre o velho e o novo. – *A vida reproduz sempre o velho, produz incessantemente o novo, a luta entre o velho e o novo penetra em todas as manifestações da vida* (p.219).

Esse é o principal papel reservado a Fabiano pelo projeto autoral: representar a força que o velho possui, em uma realidade em que as formas pré-capitalistas de relacionamento social estão arraigadas e se misturam com a necessidade de produção para o mercado.

No entanto, como o velho, a tradição não pode ser concebida isoladamente. Por esse motivo, o capítulo que representa e discute a tradição é composto por argumentos que simultaneamente afirmam e negam assertivas.

— *Fabiano, você é um homem, exclama em voz alta.*

[...]

— *Você é um bicho, Fabiano.*

[...]

— *Um bicho, Fabiano* (p.18).

Há um jogo de linguagem, sempre correspondente às poucas palavras que seriam ditas por Fabiano (o uso do travessão é a marca utilizada pela tessitura discursiva para mostrar a diferença entre a voz do narrador onisciente e a possível linguagem de Fabiano).

A fala de Fabiano vai perdendo força gradativamente, tornando desnecessário o reforço do narrador, assinalando que na segunda fala o personagem murmura. A substituição de palavras das frases ressalta a diminuição da convicção da primeira fala, como se, desta forma, o som fosse diminuindo também gradativamente.

Na verdade, Fabiano fala alto e se nomeia na primeira frase, na segunda ainda mantém o pronome que o pessoaliza e, na última, é qualquer um, apenas um bicho. Contrariamente, o narrador nos diz que da primeira fala Fabiano se envergonha, tem medo de ter sido ouvido e na última está orgulhoso de ser como os outros animais.

A seguir o narrador apresenta o que efetivamente limita a humanidade de Fabiano. Há um fluir dialético mostrando simultaneamente a tentativa de ser homem e o impedimento das relações sociais de exploração: *não, provavelmente não seria um homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.* (p.24).

A modalização acentua a dúvida que a significação do termo *provável* traz implícito e que é corroborada pela expressão *quase uma rês*. Não é Fabiano animal, as relações sociais é que o animalizam, que o tornam um *cabra, governado pelos brancos*.

Graciliano faz uma relação direta entre a seca e o latifúndio. O poder *dos brancos* que governam *o cabra* é ressaltado na figura do patrão exigente e ladrão. Mas o que o patrão rouba de Fabiano? Para a personagem, nas contas do salário. Essa compreensão limita-se ao imediatismo da reflexão que atribui à figura do patrão *arreliado e exigente* a causa do salário baixo. No entanto, o latifúndio, como sistema de produção, necessita da exploração da mais-valia para sobreviver. Não existe salário justo, como não existe patrão que não explora, na medida em que a relação capitalista-trabalhador pressupõe a usurpação de horas trabalhadas, que se transformarão no lucro do patrão/latifundiário.

Temos, então, a construção de duas imagens ideais pois que fruto de prévias-ideações,¹ que não levam em conta a lógica do real:

1ª. - o cotidiano com a sua repetição secular – e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos (p.17).

2ª. - a perspectiva de um futuro melhor independente da ação dos homens e mulheres que estão travados pelo passado e à mercê das forças sociais e naturais. *Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito...* (p.24).

Uma certa estabilidade advinda da ausência da seca e do trabalho de vaqueiro, faz Fabiano imaginar-se um homem:²

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. [...] Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado. (p.18).

Só um ser social pode *sentir* o prazer do fumo, *preocupar-se* com as unhas sujas, *ter a certeza* da vida correndo nas veias e da *força* de pisar forte. Esta cena também ocorrerá com sinha Vitória várias vezes, o prazer do fumo e a consciência da humanidade.

Essas imagens criadas com o titubear da personagem sobre sua condição humana e sobre o lugar que ocupa na sociedade, servem de pista para a percepção de que a autoria vem refletindo sobre a possibilidade de conscientização de pessoas que se encontram nesse nível de sociabilidade. Não pode haver, da parte dessa personagem, um questionamento das relações sociais que permitiram que ela, e a maioria dos homens e mulheres, fossem desapropriados do fruto de seu trabalho. Para Fabiano, nesse momento, se não houver mais seca e ele puder ficar como está, gordo, pitando prazerosamente seu fumo, não há do que reclamar.

Fica então o conflito entre ser gente ou bicho. Afinal, Fabiano é bicho ou gente? Há críticas sobre esse romance tendentes a considerar as personagens como apenas capazes de relances de humanidade. Na verdade, se for tomado como alvo da análise a personagem masculina, o que tem ocorrido sistematicamente, observa-se a prevalência da dúvida sobre o grau de humanidade desses seres, corroborada pela ocorrência de ações cíclicas que não levam a nenhuma transformação da realidade, demonstrando não haver possibilidade de *mudança*, apenas deslocamentos de lugares. Por isso, Fabiano ora é homem, ora bicho.

Saber e poder, dois processos constitutivos do ser social, estão aqui em dissonância, o que permite mais eficiência à dominação de classe, pois tende a imobilizar tanto a *sabedoria* de sinha Vitória quanto a *força* de Fabiano.

Até esse momento a figura de Fabiano está sendo construída pela negação do saber que impede que a personagem se permita de agir para mudar o rumo dos acontecimentos.

– não sabe explicar-se.

– não sabe expressar-se.

¹ Há sempre prévias-ideações que não se concretizam, ou por falta da ação a que se referem, ou porque faltam os meios técnicos do sujeito para sua resolução, ou ainda, porque estavam deslocadas das possibilidades da objetividade.

² O narrador também se referirá a essa estabilidade em relação à personagem feminina, enfatizando seu bom aspecto físico e a possibilidade de um certo ócio capaz de levar sinha Vitória a ter desejos:

- CINTRA, Ismael Angelo. Discurso polifônico em 'Vidas secas'. *Revista de Letras/ Universidade Estadual Paulista- UNESP*, v.33, p. 91-98, 1993
- COURTINE, J. J. *Analyse du discours politique*. Paris: Larouse, 1981
- JAMESON, Fredric. *Os marxistas e a Arte*. Tradução de Iumna Maria Simon (Coord.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- HENRY, Paul. A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso. Trad. Maria Fausta Castro. Campinas: UNICAMP, 1992
- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LUKÁCS, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. A fisionomia intelectual dos personagens artísticos.
- LUKÁCS, Georg. *Estética: la peculiaridad de lo estetico*. 4 v. Barcelona/México: Grijalbo, 1966-67.
- MAGALHÃES, Belmira et al. *Da linguagem ao poder*. Maceió: EDUFAL, 1997
- MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990
- ORLANDI, E. *As formas do silêncio :no movimento dos sentidos* 4.ed. São Paulo: Unicamp, 1997.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Vozes, 1997.
- PETERSON, Michel. *Estética e política do romance contemporâneo*. Tradução de Ricardo Iuri Canko. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG-Letras, 2.)
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et alii. Campinas: Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PREVÔST, Claude. *Literatura, política e ideologia*. Lisboa: Duas Cidades, 1976.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 69 ed. São Paulo: Record, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.